

LECCIONÁRIO COMENTADO

Regenerados pela Palavra de Deus

TEMPO COMUM
Semanas XVIII-XXXIV

VOLUME II

Organização:
GIUSEPPE CASARIN



INTRODUÇÃO AO TEMPO COMUM

O período do ano litúrgico fora dos tempos característicos chamados «fortes» (Advento, Natal, Quaresma e Páscoa), que são destinados a celebrar um aspecto particular do mistério de Cristo, é chamado Tempo *per annum*, isto é, «durante o ano», ou «Tempo Comum». Não deve ser considerado um tempo «fraco», por oposição aos tempos «fortes» do Ano Litúrgico. Denomina-se Tempo Comum ou ordinário porque deriva de *ordo*, que indica uma estrutura fundamental. É sobre ela que se apoiam os «tempos fortes», que têm origem na necessidade de distribuir aquilo que estava concentrado, isto é, passar do mistério pascal considerado como um «todo» para a explicitação de cada um dos seus componentes, mesmo arriscando perder a visão global do mistério. Não se trata, por isso, de um Tempo «fraco»; pelo contrário, é um Tempo «fortíssimo».

O Tempo Comum é guiado pela celebração do domingo. Os domingos do Tempo Comum, precisamente porque «destinados não a celebrar um aspecto particular do mistério de Cristo, mas nos quais esse mistério é celebrado na sua globalidade» (*Ordenamento do ano litúrgico e do calendário*, 43), apresentam-se como o dia do Senhor em toda a sua plenitude pascal, verdadeira Páscoa semanal. São domingos em estado puro pela sua caracterização pascal.

Dia do Senhor e Páscoa semanal

O Concílio Vaticano II reconhece no domingo «o fundamento e o núcleo de todo o ano litúrgico». (SC 106) Este de facto não é mais do que a celebração do mistério pascal, objecto central da fé do cristão. Este mistério, para além da festa anual da Páscoa, é celebrado todas as semanas, domingo após domingo, de modo que toda a existência do cristão seja invadida pela presença salvífica do Senhor ressuscitado. Por isso, SC 106 pôde afirmar que «por tradição apostólica, que teve a sua origem no próprio dia da ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias, no dia que bem se denomina “dia do Senhor” ou “domingo”». É por isso que os *dies dominicus* se revelam como a estrutura fundamental, o núcleo originário e originante do Ano Litúrgico.

O domingo é o «dia do Senhor» porque é memorial do Senhor, do Senhor enquanto *Kyrios*, ou seja, do Senhor Ressuscitado. É por isso que se celebra no «primeiro dia depois do sábado», o dia que segundo os testemunhos evangélicos é o dia da ressurreição de Jesus Cristo e das Suas aparições aos discípulos (cf. Jo 20,1.19): o «primeiro dia depois do sábado»; e de acordo com Jo 20,26, «oito dias depois.» O domingo é na Igreja o dia em que os crentes se reúnem para a celebração do sacramento do mistério pascal, ou seja, da Eucaristia. Que dia melhor para celebrar este mistério que não seja o «primeiro dia depois do sábado», o dia da Ressurreição? A Páscoa de Cristo (morte – ressurreição – parusia) encarna no mundo mediante o pão e o vinho da Eucaristia, encarna no tempo no dia de domingo. O domingo e a Eucaristia são os sacramentos daquela realidade única que é o mistério pascal de Cristo. Esse mistério que é proclamado no próprio coração da celebração da Eucaristia: «Anunciamos, Senhor, a Vossa morte, proclamamos a Vossa ressurreição, esperando a vossa Vinda gloriosa.»

O dia da Igreja que celebra a liturgia

Precisamente porque a Igreja nasce da Páscoa, vive da Páscoa e está orientada para a Páscoa eterna no domingo sem ocaso, e também porque o domingo é o sacramento temporal da Páscoa, este é o dia de ir *in ecclesiam*, de reunir-se como Igreja. A Igreja não é convocada num dia qualquer, mas é «convocada no dia em que Cristo venceu a morte e nos tornou participantes da Sua vida imortal». Os cristãos reúnem-se no «dia do Senhor» (AP 1,10) para celebrar a «Ceia do Senhor» (1COR 11,12); sacramento da presença de Jesus Ressuscitado no meio dos Seus, para se tornar e ser sempre mais «corpo do Senhor», aquele corpo de Cristo que é a Igreja. É aqui que os cristãos se tornam Igreja em torno do seu Senhor: «a Igreja vive e realiza-se antes de mais quando se reúne em assembleia convocada por Jesus ressuscitado e reunida no seu Espírito.»¹

A missão de Cristo, que consiste em «reunir os filhos de Deus que andavam dispersos» (JO 11,52), encontra a sua realização visível na assembleia eucarística dominical dos seus discípulos. Ele está presente no meio deles com a sua Palavra, com a dádiva do Espírito Santo («recebei o Espírito Santo»: JO 20,22 e ACT 2,1-5), com o envio em missão («como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós»: JO 20,21). Assim nos foi transmitida a práxis da Igreja dos Apóstolos: «no primeiro dia depois do sábado estávamos reunidos para a fracção do pão.» (ACT 20,7) Precisamente porque é o dia da Eucaristia, o domingo é o dia da escuta da Palavra na Eucaristia; de facto, a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística estão intimamente unidas entre si: «estão unidas tão estreitamente entre si que formam um só acto de culto.» (SC 56) O pão da Palavra e o pão da Eucaristia são partidos conjunta-

¹ CEI, Nota pastoral *O dia do Senhor*, 9.

mente. O domingo é também o dia da alegria, pelo que na Igreja antiga era proibido neste dia jejuar e rezar de joelhos. Segundo a *Didascalia apostolorum* «quem se entristece no dia de domingo comete pecado».

O dia que está no centro do tempo

Comemorando o primeiro dia da nova criação que tem início com a ressurreição de Jesus, o domingo cristão liga-se ao sábado hebraico que comemorava também o primeiro dia da Criação. A ressurreição de Jesus aparece como o cumprimento da Criação. O domingo é o primeiro e o oitavo dia, ou seja, aquele que ultrapassa a medida dos dias que são citados na semana da Criação em Gn 1,1-2,4. É o dia que traz já para o nosso tempo a eternidade que virá depois do fim dos tempos, o que inaugura o mundo novo. Este aspecto do dia do Senhor está presente também na Eucaristia, que se celebra «enquanto esperamos a vinda gloriosa (de Cristo ressuscitado)». Realiza-se assim a tríplice dimensão temporal do carácter sacramental do domingo e da Eucaristia, que diz respeito a uma História da Salvação que se torna memorial da Ressurreição (passado), presença de Jesus Ressuscitado (presente), esperança na Sua vinda (futuro). Assim, o Prefácio do domingo do Tempo Comum X diz: «Hoje a vossa família, reunida para escutar a palavra da salvação e participar no pão da vida, celebra o memorial do Senhor ressuscitado, na esperança do domingo que não tem ocaso, quando toda a Humanidade entrar no vosso descanso.» (Cf. também os outros prefácios dos domingos)

Dia dado por Deus, dia para nos darmos aos irmãos

Podemos compreender agora que o domingo, antes de ser o dia do Senhor no sentido de um dia que nós Lhe dedicamos no louvor e no repouso, é o dia que o Senhor fez para nós: o dia no qual visita com a Sua presença salvífica o seu Povo, espe-

cialmente com a dádiva do pão da sua Palavra e da sua Eucaristia. Deus não precisa do nosso culto, nós é que precisamos da Sua graça.

Este é o dia que o Senhor fez [...]. O domingo, antes de ser o dia que os cristãos dedicam ao Senhor, é o dia que Deus decidiu dedicar ao seu Povo, para o enriquecer de dons e de graças. A iniciativa é d'Ele: d'Ele é o dom e d'Ele é a convocação, e a Igreja é nisso envolvida e nisso participa.²

Dentro deste ponto de vista pode compreender-se também a lei do preceito. O domingo, «antes de ser questão de preceito, é uma questão de identidade. O cristão precisa do domingo. Pode-se fugir ao preceito, mas não à necessidade»³. Com a advertência, ainda, de que a obrigação dirigida a cada fiel não diz respeito simplesmente à sua relação com Deus, à sua santificação pessoal, mas é sobretudo a de fazer existir o sinal da assembleia, ou seja, de tornar visível a Igreja.

O domingo, tal como a Eucaristia que nele é celebrada, remete para a vida: o que foi celebrado deve ser levado para a vida como testemunho e como caridade. Cristo foi recordado e celebrado no Seu mistério pascal, ou seja, no dom que fez da Sua vida: «Isto é o meu corpo, ou seja, a minha vida, que será entregue por vós. Fazei isto em memória de Mim.» A memória que se deve fazer não é apenas a do rito, é também a da vida. «Fazei isto» quer dizer: fazei o que Eu fiz, fazei também vós da vossa vida uma dádiva. Este é o ensinamento do mistério pascal de Cristo, de que o domingo e a Eucaristia são memorial. «Quando a assembleia se dispersa e somos enviados para a vida, é toda a vida que deve tornar-se dom de si.»⁴ Por isso o domingo é o dia da caridade: o viver do cristão, de facto, é um «viver segundo o domingo» (Santo Inácio de

² CEI, *Eucaristia, comunhão e comunidade*, 76.

³ CEI, *O dia do Senhor*, op. cit. 8.

⁴ CEI, *O dia do Senhor*, op. cit. 13.

Antioquia), ou seja, segundo o mistério pascal de Cristo, que no sinal do pão partido doa a Sua vida para benefício dos homens. Então o domingo e a Eucaristia são o *culmen* da vida do crente, mas ao mesmo tempo são também a *fons*, a origem dela. Ambos enviam o fiel ao mundo: de segunda-feira até sábado é o tempo do testemunho, é o tempo de um dia-a-dia melhor, porque na celebração dominical o crente é inspirado e penetrado pela graça da memória do Senhor Ressuscitado. É o tempo de dar um sentido novo a tudo o que se vive.

A liturgia da Palavra nos domingos do Tempo Comum

Na organização dos textos, os domingos do Tempo Comum são caracterizados pela leitura semicontínua, sem uma temática preestabelecida da Palavra de Deus. Temáticas artificiais arriscariam obscurecer o carácter pascal do domingo que celebra a totalidade do mistério da Salvação, e não apenas um aspecto específico.

No *Leccionário* estão previstas três leituras: a primeira, do Antigo Testamento; a segunda, dum Apóstolo; a terceira, do Evangelho. Sucedem-se assim os testemunhos dum profeta, dum Apóstolo e do Senhor Jesus. Também a sinagoga hebraica tinha uma sucessão: Lei; profetas; homilia. O critério não é, como já se disse, o de uma catequese sistemática, mas é seguida uma ordem simbólica com um duplo sentido. Num sentido histórico colocam-se em evidência os três momentos fundamentais da História da Salvação: antes de Cristo (Antigo Testamento), Cristo (Evangelho) e tempo da Igreja (os outros livros do Novo Testamento). Os últimos livros do Novo Testamento são colocados antes do Evangelho para significar que, ainda hoje, para conhecer Cristo, é preciso passar pelos testemunhos dos Apóstolos. O segundo sentido é o da leitura em ordem crescente de importância: do Anti-

go Testamento, passa-se aos escritos apostólicos, para chegar ao Evangelho, ápice da Revelação.

Foram escolhidos os textos mais importantes da Escritura, dispondo-os segundo um ciclo trienal: A, B e C. No ordenamento das leituras seguiram-se os princípios da *lectio* semicontínua para o Evangelho e para a segunda leitura, e o da concordância temática para a primeira leitura, a qual entra em harmonia com o Evangelho. Resulta assim um andamento com dois temas: o do Evangelho (e da primeira leitura com o seu salmo responsorial), e o da segunda leitura. À luz da experiência pareceria preferível uma concordância também da segunda leitura com as outras duas, tendo o cuidado porém em não forçar o sentido dos textos. Assim «a Escritura lê-se com a Escritura»: este princípio é tradicional na liturgia e é pontualmente observado pelos padres e pelos grandes autores espirituais da História da Igreja. Mas ele já se encontra no Novo Testamento e inclusive nos escritos mais recentes do Antigo Testamento. Não é impossível, precisamente pelo carácter unitário e pela coerência interna da mensagem bíblica, perceber frequentemente ligações também com a segunda leitura.

No ciclo trienal são lidos os evangelhos sinópticos, respectivamente Mateus no ano A, Marcos no ano B e Lucas no ano C. No ano B (domingos XVII-XXI), a narração de Marcos da multiplicação dos pães é substituída pela leitura de Jo 6, que serve para fazer compreender aos fiéis o sentido da comunhão eucarística.

É de notar a ênfase ainda epifânica dos primeiros dois domingos do Tempo Comum, que permitem uma passagem gradual do Tempo de Natal para o Tempo Comum (o primeiro, que pertence ainda ao Tempo do Natal, é o Baptismo do Senhor).

Também o final do Tempo Comum permite uma passagem gradual para o Tempo do Advento. Nos últimos domingos, com efeito, lêem-se os textos escatológicos dos três evangelhos sinópticos que serão continuados no primeiro domingo do Advento. Interrompe esta continuidade a colocação da Solenidade de Cristo Rei no último domingo do Tempo Comum.

As solenidades e as festas no Tempo Comum

Dentro do Tempo Comum estão colocadas algumas solenidades do Senhor: Santíssima Trindade; Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo; Sagrado Coração de Jesus; Cristo Rei do Universo; e quatro solenidades da Virgem Maria e dos santos: Assunção da Virgem Santa Maria; Nascimento de São João Baptista; São Pedro e São Paulo; Todos os Santos. A elas devem acrescentar-se as festas do Senhor que, se ocorrerem num domingo, têm a primazia sobre os domingos do Tempo Comum. São elas: a Apresentação do Senhor; a Exaltação da Santa Cruz; a Dedicação da Basílica de Latrão.

Deve ainda realçar-se, como ponto negativo, que com as celebrações dessas solenidades e festas em dia de domingo, é interrompida a leitura continuada do Evangelho, para extrair dele um texto que serve para evidenciar o mistério (no melhor dos casos) ou o tema celebrado.

A propósito da celebração de solenidades e festas, que não pertencem aos grandes ciclos do Ano Litúrgico, deve ainda ter-se presente aquilo que é o objecto próprio da celebração litúrgica. A liturgia não celebra ideias, verdades dogmáticas, temas teológicos, devoções particulares, mas celebra acontecimentos salvíficos verificados na História. Recorda algo que aconteceu na História da Salvação, de modo que a salvação presente no acontecimento celebrado possa marcar a assembleia celebrante. Compreende-se assim que certas festas que apareceram na Idade Média, tempo em que não se tinha uma consciência do domingo enquanto dia do Senhor, correm o risco de não estar em uníssono com uma celebração litúrgica correcta, de serem vividas não como celebração de um acontecimento salvífico, mas antes de uma ideia, de uma verdade de fé ou de uma devoção.

Como exemplo típico pode citar-se a Festa do *Corpus Domini* que se desenvolveu no século XIII, a partir da devoção à Sagrada Eucaristia independentemente da celebração. Quer celebrar-se uma verdade: a presença do Senhor Jesus Cristo na Hóstia consa-

grada. No entanto, estamos bem longe daquilo que é celebrado na Quinta-Feira Santa, onde a atenção não é colocada numa verdade, mas naquilo que Jesus fez na Última Ceia. Ora, é preciso colocar a atenção não apenas na «presença real»; os textos do *Leccionário* podem ajudar muito neste ponto.

Sabendo que o Ano Litúrgico é antes de mais a celebração do mistério de Cristo, assinalado pelo domingo, no interior dele podem encontrar lugar também as festas dos santos, enquanto eles realizaram nas suas vidas o mistério pascal. São aqueles que sofreram com Cristo e com Ele são glorificados. Porém, é preciso recordar também que as festas dos santos não devem «prevalecer sobre as festas que recordam os mistérios da Salvação» (SC 111). Isto vale, de igual forma, para outras festas.

De entre os santos tem um lugar preeminente a Virgem Maria, Mãe de Jesus, como afirma SC 103: «Na celebração deste ciclo anual dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com especial amor a bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da Redenção.» Se a celebração litúrgica é celebração da obra salvífica de Cristo, Aquela que esteve indissoluvelmente unida a essa obra não poderá deixar de ser objecto da sua celebração.

MARIO CHESI

INTRODUÇÃO

XVIII À XXV SEMANA DO TEMPO COMUM

As leituras do Evangelho

As semanas apresentadas neste volume do *Leccionário* abrangem exactamente os evangelhos de Mateus (XVIII à XXI semana) e o de Lucas (XXII-XXV).

Do Evangelho de Mateus são extraídos dois grandes discursos de Jesus, o que fala da vida da comunidade e o discurso escatológico, intercalados por duas secções narrativas.

Na primeira secção narrativa (caps. 14-17), que ocupa a semana XVIII, temos como ponto central dois anúncios da parusia: «Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que devia ir a Jerusalém e sofrer muito... e que devia ser morto e ressuscitar ao terceiro dia.» (16,21; cf. também 17,22-23) À luz destes anúncios compreendem-se e devem ser lidas as outras perícopes que compõem esta secção: as condições que Jesus coloca a quem quiser segui-l'O («renuncie a si mesmo», «tome a sua cruz»); as discussões sobre as tradições farisaicas sobre o puro e o impuro; alguns milagres e a solene profissão de fé do Apóstolo Pedro, seguida de uma severa repreensão, quando parece que ele não aceita a lógica da Cruz.

A segunda secção narrativa (cap. 19-20; final da XIX semana, início da XX), em cujo centro encontramos o episódio do encontro com o jovem rico e as palavras de Jesus sobre o perigo das

riquezas, conclui-se com a parábola dos operários enviados para a vinha, de grande abertura universalista.

O discurso sobre a vida da comunidade (cap. 18) ocupa a parte central da XIX semana. É endereçado principalmente aos discípulos e parece ser causado pela discussão gerada entre eles acerca de qual seria o maior no Reino dos Céus. A essa questão Jesus responde com o convite a tornarem-se como crianças, porque quem se torna pequeno será o maior no seu Reino. A partir desta comparação o discurso desenvolve-se tocando vários aspectos da vida comunitária, em particular a necessidade e a grandeza do perdão.

Do discurso escatológico (caps. 24-25: XXI semana) são extraídas três parábolas, que são um convite comum a vigiar responsabilmente: a do servo fiel e prudente; a das dez virgens; e, a dos talentos.

Nestas primeiras quatro semanas podemos encontrar um fio condutor, que pode ser expresso desta forma: Jesus anuncia progressivamente o mistério do seu Reino, no qual Ele Se torna pequeno como uma criança até negar-Se a Si mesmo no acontecimento pascal da morte e ressurreição. Nesta caminhada os discípulos são convidados a segui-l'O, carregando cada um a sua própria cruz para poderem ser louvados, no seu regresso, como servos bons e fiéis, como virgens sábias e prudentes.

As semanas XXII-XXV são dedicadas ao Evangelho de Lucas. Nestas são propostos os capítulos 4-9, que ilustram o ministério de Jesus na Galileia. A secção começa com o episódio de Jesus na Sinagoga de Nazaré, que pode ser entendido como uma síntese da inteira secção. De facto, encontramos nele alguns aspectos característicos do evangelista Lucas: a atenção à acção do Espírito Santo, enquanto força libertadora de Deus, e aquela que é exercida para com os pobres, marginalizados, pecadores. O texto citado do profeta Isaías (61,1-2) e o anúncio do seu cumprimento na Pessoa de Jesus explicitam a missão de Cristo enquanto Messias, o «Ungido» do Senhor que traz a libertação e a salvação aos po-

bres e aos oprimidos. O final da perícope com a indignação dos presentes e a tentativa de O matarem, depois de O terem expulso da cidade, são o prelúdio dos acontecimentos que a própria cidade de Jerusalém presenciará, pois para ela se dirigem; lá, fora dos muros da cidade, Ele será levantado na Cruz.

As primeiras leituras

Como já vimos na introdução ao volume precedente, a distribuição das primeiras leituras mostra-se menos orgânica. As oito semanas de que trata este volume dividem-se exactamente, quer nos anos ímpares quer nos anos pares, entre o Antigo Testamento (XVIII-XX e XV) e o Novo Testamento (XXI-XXIV). Certamente mais fragmentária é a leitura do Antigo Testamento, que vai desde o Pentateuco (Números, Deuterónimo) aos Livros Históricos (Josué, Juízes, Rute, Esdras), passando pelos Livros dos Profetas (Jeremias, Ezequiel, Naum, Habacuc, Ageu, Zacarias) e pelos Livros Sapienciais (Provérbios, Coélet). A lógica seguida é a leitura semicontínua, de modo a apresentar as passagens mais significativos de cada livro. Na celebração eucarística ferial é útil uma breve introdução a essas primeiras leituras, de modo a situá-las no seu contexto, para uma melhor compreensão da perícope proposta e para um conhecimento mais exacto do livro de onde foi extraída.

Oferece mais possibilidades de organização a leitura do Novo Testamento, que propõe as Cartas do Apóstolo Paulo: para os anos ímpares a Primeira Carta aos Tessalonicenses, a Carta aos Colossenses e a Primeira Carta a Timóteo; para os anos pares a Segunda Carta aos Tessalonicenses e a Primeira Carta aos Coríntios. Embora não seja possível encontrar afinidades particulares entre essas perícopes e as dos evangelhos, podemos notar algumas temáticas que percorrem transversalmente essas semanas: a tensão escatológica (Mt 24,24 e a 2Ts); a nova liberdade dos crentes e os compromissos da vida cristã (Lc 4 e secções narrativas de Mt e Cl); problemas de vida comunitária e sabedoria paradoxal da

Cruz de Cristo (Mt 18 e 1Cor). A leitura quase completa destas leituras permite também um melhor conhecimento das Cartas de Paulo, que na sua mais fragmentada proclamação dominical é muitas vezes descurado, devido à ausência de qualquer ligação com as outras duas leituras.

Como conclusão, uma sugestão para a celebração: visto que o *Ordenamento Geral do Missal Romano*, nas férias do Tempo Comum, consente uma grande liberdade de escolha dos textos eucológicos (cf. n. 363), vê-se a oportunidade de ir à procura das colectas e dos prefácios que podem apresentar afinidades temáticas com os aspectos da Palavra de Deus que se pretendem evidenciar.

ANGELO LAMERI

INTRODUÇÃO

XXVI À XXXIV SEMANA DO TEMPO COMUM

As leituras do Evangelho

As últimas nove semanas do Tempo Comum são caracterizadas pela leitura dos capítulos 9-21 do Evangelho de Lucas. Esta leitura abundante da obra de Lucas continua a já começada na semana XXII com o capítulo 4. O critério da escolha das perícopes é o que está expresso nas *Premissas do Leccionário*, n. 109: «Lêem-se todos as passagens de Mateus e de Lucas que não se encontram em Marcos.»

Na XXVI semana (terça-feira) tem início a leitura dos episódios que caracterizam a subida de Jesus para Jerusalém: «Estava a chegar o tempo de Jesus ser levado para o Céu. Então tomou a firme decisão de partir para Jerusalém...» (Lc 9,51) Uma viagem que Jesus enfrenta na aceitação da sua Paixão e morte já próximas. A *Vulgata* indica-a com a expressão *dies assumptionis eius*, o dia da Sua «assunção», da Sua «elevação»: o dia da Cruz, mas também o da Sua ressurreição e Ascensão. Uma viagem que Jesus enfrenta com decisão, firmeza e coragem. Durante esta viagem encontramos o envio em missão dos setenta e dois discípulos, com as recomendações que Jesus lhes faz, de entre as quais sobressai o episódio da hospitalidade em casa de Marta e de Maria, com o conhecido ditado de Jesus acerca da única coisa que realmente é necessária. É um episódio que, inserido entre a parábola

do bom samaritano e o ensinamento de Jesus sobre a oração, propõe uma síntese admirável da tensão entre as «obras» a cumprir e a contemplação do Rosto de Cristo e da sua Palavra. A viagem continua com a proposta de algumas parábolas, de ensinamentos sobre pobreza e riqueza e sobre a necessidade de se abandonar à Providência; com alguns milagres de curas e, sobretudo, com o grande ensinamento de Jesus sobre a misericórdia do Pai. Na parte central dessa viagem para Jerusalém encontramos o anúncio da sua Paixão e morte: «Vim para trazer fogo sobre a terra, e como gostaria que já estivesse aceso! Devo ser baptizado com um baptismo, e como estou ansioso até que isso se cumpra!» (12,49-53 – quinta-feira da semana XXIX) Esta parte do Evangelho de Lucas chega até ao limiar da entrada messiânica na Cidade Santa, que obviamente não é reproduzida pelo *Leccionário*, porquanto pertence ao Domingo de Ramos. Os ensinamentos de Jesus, que nos acompanharão nestas semanas são enriquecidos e encontram o seu fundamento no mistério do sacrifício de Cristo, que na obediência ao Pai vai ao encontro do Seu destino de Paixão e morte, que O conduzirá à glorificação da Cruz e da ressurreição.

A partir de quarta-feira da semana XXXIII começam as perícopes do ministério de Jesus em Jerusalém. Aqui a ênfase é colocada sobretudo no capítulo 21, lido na última semana, segundo as *Premissas do Leccionário*: «O discurso escatológico, na sua redacção completa apresentada por Lucas, é lido no termo do Ano Litúrgico.» (n. 109) O mesmo documento, além disso, refere a colocação lógica do tema escatológico no final do Ano Litúrgico: «No final do Ano Litúrgico chega-se com naturalidade ao tempo escatológico, característico dos últimos domingos; de facto, o tema escatológico surge, de modo mais ou menos acentuado, nos capítulos do Evangelho que precedem a narração da Paixão.» (n. 105)

As primeiras leituras

As primeiras leituras – nos anos ímpares – dividem-se entre perícopes extraídas dos Livros proféticos e sapienciais (Zacarias,

Baruc, Jonas, Malaquias, Joel, Sabedoria) e duma Carta de Paulo (Romanos), ao passo que nos anos pares são mais abundantes os textos extraídos das Cartas Paulinas, as quais ocupam quase seis semanas (Gálatas, Efésios, Filipenses, Tito). Nestes anos pares temos do Antigo Testamento uma semana só, dedicada ao Livro de Job.

A última semana do Tempo Comum tem uma característica particular, que em sintonia com a escolha feita dos evangelhos, oferece também nas primeiras leituras textos de natureza escatológica: «No final do Ano Litúrgico lêem-se os livros que correspondem ao carácter escatológico deste tempo, ou seja: Daniel [anos ímpares] e o Apocalipse [anos pares].» (*Premissas*, n. 110)

O Tempo Comum, segundo as indicações da reforma litúrgica, não é destinado a celebrar um aspecto particular do mistério de Cristo, mas a venerar esse mistério na sua globalidade. Nele os fiéis são convidados a deixar-se conduzir pelo Mestre à escuta da sua Palavra, sem a preocupação de caracterizar tematicamente cada dia.

A atitude espiritual é-nos sugerida pela oração Colecta que acompanha a primeira semana desse Tempo: «Atendei, Senhor, as orações do vosso Povo: dai-lhe luz para conhecer a Vossa vontade e coragem para a cumprir fielmente.»

ANGELO LAMERI

ÍNDICE GERAL

Introdução ao Tempo Comum (MARIO CHESI)	5
Introdução	
XVIII à XXV Semana do Tempo Comum	
(ANGELO LAMERI)	15
XXVI à XXXIV Semana do Tempo Comum	
(ANGELO LAMERI).....	19
Observações Gerais	22

TEMPO COMUM

XVIII Domingo do Tempo Comum	
Ano A (NAZZARENO MARCONI)	27
Ano B (ALESSANDRO SACCHI)	32
Ano C (GUIDO BENZI)	38
XVIII Semana do Tempo Comum (ERNESTO BORGHI) ..	44
 XIX Domingo do Tempo Comum	
Ano A	82
Ano B.....	87
Ano C.....	93
XIX Semana do Tempo Comum (TIZIANO LORENZIN) ...	98
 XX Domingo do Tempo Comum	
Ano A	132
Ano B.....	137

Ano C.....	142
XX Semana do Tempo Comum	147
XXI Domingo do Tempo Comum	
Ano A	179
Ano B.....	184
Ano C.....	190
XXI Semana do Tempo Comum (MAURIZIO GIROLAMI)	195
XXII Domingo do Tempo Comum	
Ano A (MARCO ROSSETTI)	229
Ano B (LUCIANO FANIN)	234
Ano C (ALBERTO VALENTINI)	240
XXII Semana do Tempo Comum.....	246
XXIII Domingo do Tempo Comum	
Ano A	280
Ano B.....	285
Ano C.....	291
XXIII Semana do Tempo Comum (LORENZO ZANI)	297
XXIV Domingo do Tempo Comum	
Ano A	333
Ano B.....	339
Ano C.....	345
XXIV Semana do Tempo Comum.....	351
XXV Domingo do Tempo Comum	
Ano A	384
Ano B.....	390
Ano C.....	396
XXV Semana do Tempo Comum (TIZIANO LORENZIN)..	401

XXVI Domingo do Tempo Comum	
Ano A (MARCO ROSSETTI)	432
Ano B (LUCIANO FANIN)	438
Ano C (ALBERTO VALENTINI)	444
XXVI Semana do Tempo Comum (TIZIANO LORENZIN)	450
XXVII Domingo do Tempo Comum	
Ano A	482
Ano B.....	488
Ano C.....	495
XXVII Semana do Tempo Comum.....	501
XXVIII Domingo do Tempo Comum	
Ano A (LUIGI DI PINTO).....	533
Ano B (PATRIZIO ROTA SCALABRINI).....	540
Ano C (CLAUDIO DOGLIO)	546
XXVIII Semana do Tempo Comum	
(STEFANO ROMANELLO)	552
XXIX Domingo do Tempo Comum	
Ano A	585
Ano B.....	593
Ano C.....	599
XXIX Semana do Tempo Comum	605
XXX Domingo do Tempo Comum	
Ano A	635
Ano B.....	643
Ano C.....	649
XXX Semana do Tempo Comum.....	655

XXXI Domingo do Tempo Comum	
Ano A	687
Ano B.....	695
Ano C.....	701
XXXI Semana do Tempo Comum	707
XXXII Domingo do Tempo Comum	
Ano A	737
Ano B.....	745
Ano C.....	751
XXXII Semana do Tempo Comum (MARIA BRUTTI)	757
XXXIII Domingo do Tempo Comum	
Ano A	789
Ano B.....	797
Ano C.....	803
XXXIII Semana do Tempo Comum	810
XXXIV Domingo do Tempo Comum	
Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo	
Ano A	843
Ano B.....	852
Ano C.....	858
XXXIV Semana do Tempo Comum	865

SOLENIDADES E FESTAS

(GIUSEPPE CROCETTI)

TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR

Festa, 6 de Agosto.....	899
-------------------------	-----

ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA

Solenidade, 15 de Agosto

Missa da Vigília 907

Missa do dia 912

EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

Festa, 14 de Setembro 918

TODOS OS SANTOS

Solenidade, 1 de Novembro 924